**O** *ETHOS* **DO HOMEM CORDIAL NA OBRA RAÍZES DO BRASIL**

**Ildo Corrêa da Silva Neto**

Graduado em Filosofia pela PUC-GO

E-mail: ildonetto@hotmail.com

**Resumo:** O presente trabalho é uma apresentação da concepção de homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda em sua obra Raízes do Brasil (1936). A obra explora o critério tipológico de Max Weber e uma metodologia dos contrários de tipo hegeliana para analisar o *ethos* do brasileiro marcado por um personalismo nas relações. Na obra é realizada uma breve arqueologia no desvelamento de uma personalidade que nasce do embate entre o *ethos* do homem ibérico e dos nativos ameríndios e africanos. O *Homo cordialis* emerge na zona rural no seio da família patriarcal do período colonial para se estender à esfera pública das relações entre os homens, acarretando consequências não desejáveis e empecilhos políticos como a formulação do bem comum na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** cordial; ethos; identidade.

**I - DA TIPOLOGIA TEXTUAL E METODOLOGIA ADOTADA NA OBRA**

Publicada em 1936, *Raízes do Brasil*, ensaio desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda, é percebido como “obra fundadora”, um marco de transição de um período em que a historiografia brasileira adotava a forma ensaística, mas que despontava a adoção de padrões científicos. O curso de História foi iniciado e estruturado na Universidade de São Paulo em 1934 e neste período as abordagens historiográficas ainda eram de exemplo ensaístico e tardaram em adotar parâmetros científicos e formalismos para adquirir um caráter mais acadêmico.

A década de 30 é uma década interessante do ponto de vista historiográfico e intelectual brasileiro. Segundo o sociólogo Antonio Candido, esta obra juntamente com as obras *Casa grande e Senzala* (1933)deGilberto Freyre e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) de Caio Prado Júnior compõem a trilogia que expressa um “sopro de radicalismo intelectual e análise social” no período do Estado Novo, como bem explicitou no prefácio da obra (1995, p.9). A década de 30 também é marcada pelos ânimos da segunda fase do modernismo brasileiro, manifestação de contornos próprios e marcado pela busca do homem brasileiro. É o momento palco do movimento de forças convergentes na busca da identidade nacional, mas igualmente divergentes quanto à valorização das expressões regionalistas. Na literatura, o regionalismo seguia seu curso evolutivo e ganhava nova dimensão, adotando estilos próprios e uma linguagem mais próxima da falada. A liberdade de escrita - tanto em sua forma quanto em seu conteúdo - influenciou os autores, que retrataram o Brasil na época, a se expressarem através de perspectivas distintas e matrizes estilísticas próprias mesmo que inspiradas em outras fontes. No entanto, nem todos se expressaram através de uma matriz investigativa como, por exemplo, Gilberto Freyre que é marcado por uma forte expressão intuitiva. Na trilogia supramencionada se percebe uma paulatina introdução de padrões científicos e o abandono do estilo ensaístico.

A obra exala o critério tipológico do sociólogo Max Weber e uma metodologia dos contrários de tipo hegeliana em que o jogo dialético permite a interação entre as condições antagônicas que ordenam a história dos homens e das instituições. Diversas dualidades foram exploradas de modo que o jogo dialético entre elas revela a *alétheia*[[1]](#footnote-1) que compõe este sitio arqueológico do conhecimento sobre a especificidade do homem brasileiro. Enquanto a dualidade desenvolvida por Gilberto Freyre é adaptativa, Sérgio Buarque percebe uma constante e instável tensão entre as partes. Esta metodologia permite uma abordagem não dogmática e uma dialética entre as condições do presente vinculadas ao passado, este que é expresso na imagem metafórica da raiz:

 “Por que raízes? Sérgio Buarque faz apelo a uma metáfora orgânica: se há raízes, há solo, plantas, árvores, frutos. Tudo o que frutificou aqui – e o verbo é utilizado inúmeras vezes, ao longo do livro – alimentou-se dessa seiva primeira, o impulso trazido pelo colonizador” (VELOSO; MADEIRA, 1999, p.166)

A raiz é a inegável gênese e o sustentáculo da sociedade vigente e a delimitação que Sérgio Buarque realiza nos conscientiza sobre a necessidade de que ela se decomponha para que outra estrutura social se estabeleça. Coincidindo com o que afirma Pesavento (2005, p.59), é preciso salvar o país do que lhe prende no passado para que *outro* se instaure e para isso é necessário traçar e refletir sobre a genealogia dos poderes constituídos na história do Brasil. Uma análise das emergências e das estruturas dos acontecimentos nos orienta no horizonte histórico de possibilidades, pensar o ainda não pensado como proposta de transformação. Segundo o próprio Sérgio Buarque (In: SOUZA, 2007, p.349), a obra *Raízes do Brasil* foi lançada como rompimento radical tanto com a solução liberal herdada da velha estrutura oligárquica quanto do integralismo surgido na conjuntura contemporânea à obra. Isso, talvez, contrarie por antecipação as críticas quanto à sua intencionalidade de perpetuar o poder das potestades e as estruturas sociais vigentes até então.

A obra reflete o solo epistemológico da década de 20 e 30, as condições que permitiram que ela emergisse como singular no redescobrimento do Brasil. As incursões pela crítica literária e estética levaram Sérgio Buarque a configurar um método peculiar de investigação para compreender o Brasil e os brasileiros. No cruzamento entre os movimentos nacionalistas convergentes na busca de uma identidade brasileira e uma acentuação dos movimentos divergentes dos regionalismos fomentados pelas artes, Sérgio Buarque optou por uma investigação da essência de uma árvore que produziu frutos de vários tons, mas que só poderia ser concebida no solo brasileiro, num lugar específico dentre tantos outros possíveis. Optou por uma abordagem generalizante da identidade que abarcasse o comum presente em todo o território da jurisprudência, mas mais que isso, buscou o princípio dela na genealogia das marcas sociais e culturais que contribuíram para a emergência desse *ethos****[[2]](#footnote-2)*** brasileiro.

Ainda que transformações estruturais tenham ocorrido no Brasil em diversas dimensões desde a instauração do Estado Novo até os nossos dias, é possível identificar arquétipos que sobreviveram às transformações e estão presentes na engrenagem social brasileira no século XXI, como a figura do *homem cordial*. Este arquétipo compreende aspectos sociais e culturais que configuram o perfil psicológico do povo brasileiro. É evidente a diversidade cultural e inclusive identitária (gaúcho, nordestino, carioca) encontrada no território brasileiro e isso dificultava o desvelamento da concepção de uma identidade brasileira una. Sérgio Buarque ousou traçar linhas gerais sobre as características das gentes brasileiras, enquadrar o elo identitário que é aparente e supostamente observado em todo o território nacional. Sua pretensão não é diluir as várias formas de ser regionais na conformação de uma manifestação única, mas de evidenciar aquilo que nos destaca como multidão singular frente o resto do mundo.

A busca pelas raízes é a busca pela identidade e por isso Sérgio Buarque busca as origens do Brasil em Portugal, no latifúndio patriarcal ou na família patriarcal rural e realiza uma crítica a essa colonização e a sua natureza. À distinção de Gilberto Freyre que permanece na ideia de um Brasil agrário, latifundiário e mercantil, Sérgio Buarque insufla a ideia de um Brasil que passa por transformações desde meados do século XIX expressa na elite cafeeira e em setores mais amplos da sociedade. A harmonia social e o êxito da aristocracia dirigente observada por Gilberto Freyre é percebida de outra forma por Sérgio Buarque que aponta as limitações da elite dirigente e destaca a cordialidade como regulador das relações sociais.

**II – DA ETIMOLOGIA E SIGNIFICADO**

O homem cordial segundo algumas fontes é uma expressão criada pelo poeta Ribeiro Couto numa carta trocada com o amigo Alfonso Reyes, embaixador mexicano no Brasil entre 1930 e 1936. Nela, Couto define o homem cordial como uma espécie de hibridismo cultural entre o homem ibérico com a nova terra e as “raças primitivas”:

“O egoísmo europeu, batido de perseguições religiosas e de catástrofes econômicas, tocado pela intolerância e pela fome, atravessou os mares e fundou ali, no leito das mulheres primitivas e em toda a vastidão generosa daquela terra, a Família dos Homens Cordiais, esses que se distinguem do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade. Numa palavra, o Homem Cordial.” (COUTO, In: BEZERRA, p.125)

Apesar de Ribeiro Couto ser o criador desta expressão com o sentido de um legado, Sérgio Buarque a reformula como uma herança híbrida que regula as nossas relações sociais, portanto, um *ethos*, um modo de ser expresso pela cordialidade. Cordial é adjetivo derivado do substantivo latino *coer*, *cordis* que significa coração, portanto significa aquilo que é relativo ao coração. Representa nossa tendência a impulsos afetivos em detrimento dos formalismos do uso da razão.

O conceito foi inicialmente foi interpretado como aspecto positivo de nossa formação. Cassiano Ricardo, um dos comentadores da obra *Raízes do Brasil*, tomou o conceito como sinônimo de bondade, o que levou Sérgio Buarque a emitir nota na terceira edição (1955) em que citou um trecho do texto *O conceito do político* (1933) de Carl Schmitt onde a inimizade pertencente a ordem do privado foi diferenciada da hostilidade, pertencente ao âmbito da ordem pública. Desta forma, ele esclarecia que a formação familiar brasileira afetava a constituição de uma ordem porque os agentes sociais agem como se toda a sociedade fizesse parte de seu círculo familiar. A nossa política pública é marcada pelo embate de interesses pessoais, portanto, Sérgio Buarque amplia o conceito para a incapacidade de distinguir a esfera pública da esfera privada e de se relacionar ética e civilizadamente, evidenciando uma histórica tendência à informalidade em todos os âmbitos da vida.

*Homo cordialis*, a expressão de um gênero que se distingue no trato social de outras partes do mundo é um arquétipo emergente de um substrato familiar hierárquico e marcado pelo desejo de domínio. “Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante.” (HOLANDA, 1995, p.147). Apesar de Sérgio Buarque ter sido um fã de Ribeiro Couto e como crítico literário expressado sua admiração pelo poeta, suas concepções são distintas. Enquanto um concebe um homem sempre complacente ou de “boas maneiras” como sugerem algumas interpretações, outro o percebe como portador de comportamentos de aparência afetiva, inclusive suas manifestações externas, não necessariamente sinceras e profundas. Este tipo pode ser tão amigo quanto inimigo, obedecendo aos ditames do coração e totalmente desfavorável à polidez**[[3]](#footnote-3)**. Numa carta trocada com Cassiano Ricardo, jornalista de tendência integralista, esclarece o significado com que tratou:

“[...] se eliminam aqui, deliberadamente, os juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o Sr. Cassiano Ricardo, quando prefere falar em “bondade” ou em “homem bom”. Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente sentimentos positivos e de *concórdia*. A inimizade bem pode ser tão *cordial* como a amizade, visto que uma e outra nascem do *coração*, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado.” (COUTO, In: BEZERRA, p.129)

O conceito “homem cordial” se transferiu para o cotidiano popular e foi ressignificado inclusive para interpretações que concebem a “cordialidade como concórdia, bondade, quase subserviência. “[...] De todo modo, a cordialidade de Sérgio Buarque significava passionalidade, aversão a todo convencionalismo ou formalismo social e tanto podia ser positiva como agressiva”, como exemplificou Ronaldo Vainfas num artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, em 23 de junho de 2002, por motivo de comemoração ao centenário de nascimento de Sérgio Buarque.

**III – O** *ETHOS* **PRESENTE E AS DUALIDADES**

A busca pelas origens do *ethos* cordial levou Sérgio Buarque à colonização portuguesa, que não foi realizada de forma metódica e racional como aconteceu na colonização anglo-saxônica e inclusive espanhola como é bem explanado em “O semeador e o ladrilhador”, texto 4 de *Raízes do Brasil*. Esta perspectiva converge com a de Gilberto Freyre ao identificar uma certa plasticidade no colonizador português animado pelo espírito aventureiro. Este caráter contrastava com o habitante do norte da Europa, animado por espírito trabalhador e persistente: “o aventureiro ibérico não saberia compreender, e ainda menos partilhar, o comportamento social e o comportamento econômico do trabalhador, figura característica do mundo sociopolítico do norte europeu.” (LEENHARDT, in: SOUZA, 2007, p.344). Esta dualidade contrapõe um povo marcado pelo afetivo, passional e um outro voltado para a “vida prática” que se constitui pela disciplina, ordenação e uma maior racionalização das instâncias da vida.

A lógica do homem cordial é o personalismo composto por códigos particulares, de elementos e linguagens típicas da esfera privada, uma espécie de “culto da personalidade”. Esta lógica se estende aos domínios do que se convenciona como esfera pública e este tipo de fenômeno provoca uma minimização da autoridade metropolitana e eclesiástica. O sistema patriarcal se tornou um obstáculo ao desenvolvimento da atividade política, pois as relações se dão a nível pessoal e diretamente, de modo a reconhecer com quem se está mantendo algum tipo de ligação. A cordialidade confecciona uma rede de relações em torno de si que tenham comprometimento pessoal e afetivo, algo dispensável em culturas como a do norte europeu que tendem a despersonalizar a esfera pública. Os agentes sociais do *ethos* típico do norte europeu são formalistas, seguem uma ordem reguladora das relações sociais menos aberta e que possibilita que se recaia sobre o sujeito as consequências de seus atos. Por isso, a cordialidade é atenuante destas tensões:

No “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em conviver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência (1995, p.106)

O homem cordial é um indivíduo que se afirma perante os demais e que prioriza as relações pessoais em detrimento de relações burocráticas pautadas por regulamentações jurídicas. Ele estende as forças que regulam as relações familiares para as demais relações na coletividade, amplia o círculo social regido por suas marcas subjetivas para “viver no outro”. Este sujeito não se adequa a esfera pública democrática e nem ao mercado capitalista moderno, não consegue se desfazer de valores que sacramentam a hierarquia e a desigualdade.

O próprio *ethos* sociocultural que constitui este sujeito influencia o *ethos* econômico, marcando uma resistência à mentalidade capitalista que também pode ser reflexo de uma mentalidade fecundada nos tempos de ocupação muçulmana, está mais afeita a condições igualitaristas. De qualquer forma, é um passado de tensão entre culturas e de relativo acolhimento do discurso do *outro*, característica atualmente atribuída à modernidade e que coloca este homem nacional numa campo de batalha de sentidos. A cordialidade é um produto do embate da concepção de homem do território ibérico importado para as terras brasileiras e em meio à diversidade ameríndia e de povos africanos, tornou-se híbrida, acentuando sua natureza acolhedora. Dito de outra forma, este modelo que regulasse a relação entre os indivíduos, as relações familiares couberam como modelo para as relações sociais entre os brasileiros. A cordialidade como reguladora das relações sociais no Brasil só poderia nascer no seio familiar em meio ao campo como um aperfeiçoamento da herança ibérica e uma contraposição as formalidades da sociedade moderna que habita os burgos do norte europeu.

E como nem tudo é mar de flores, a caracterologia dos povos nos leva a outra dualidade entre os ibéricos no “afã predatório” e os anglo-saxões no “afã de construir”, mais uma vez evidenciando a oposição entre os impulsos emotivos e a ação metódica e racional. Também destacam-se a repulsa ao trabalho regular, atividades para fins que exijam perseverança, atraídos a vontade de mandar e a indisposição em cumprir ordens. “[...] em terras onde todos são barões, não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida” (1995, p.32).

Na cultura cordial a separação entre família e Estado se torna tênue ou mesmo imperceptível. O Estado é erigido como modelo paternalista, que estende seus braços para atender as necessidades, no entanto, de forma personalista e que impede a livre associação. O patrimonialismo prevalece sobre a burocracia, os cargos de confiança parecem ter mais sentido diante do imperativo da cordialidade que os cargos conseguidos por capacidades próprias.

**IV – OUTRAS OBSERVACÕES SOBRE A CACATEROLOGIA DO HOMEM CORDIAL**

A cristalização do homem cordial deu-se com êxito nas representações coletivas da cultura de forma *sui generis*, ou seja, de caráter único. Foi percebida por Sérgio Buarque como um empecilho ao desenvolvimento da cultura moderna assentada sobre o individualismo abstrato e universal. Esta cultura concebe elementos típicos de uma sociedade tradicional e considerados nocivos à vida pública como o personalismo, o familismo, o nepotismo, o clientelismo, o patrimonialismo. Em igual intensidade esta cultura rejeita as formalidades, o convencionalismo, as relações distanciadas, o cerimonial, as leis de valor universal.

A cordialidade diferentemente do que alguns interpretam como expressão dos sentimentos altruístas e puros e de uma constante hospitalidade e festividade é tomada – para fins conclusivos deste trabalho - como uma dualidade que manifesta tanto sentimentos positivos quanto negativos. A aparente intimidade física estabelecida entre os congêneres no interior da sociedade brasileira pode levar a manifestações de afabilidade, mas igualmente de agressividade, oscilando entre a dualidade “benevolência e fúria”. A esfera pública tomada como uma extensão da família e de vontades particularistas, é uma extensão próxima da concepção naturalista de Aristóteles em que há uma continuidade progressiva desde a família nuclear, perpassando o clã e a vila, concluindo-se na polis grega. Assemelhando-se no pensar do bem comum, mas se diferencia na capacidade de separação entre espaço público e espaço privado que os gregos bem concebiam.

A caracterologia nos remete a uma concepção hobesiana da natureza do homem, onde os impulsos por sobrevivência e de preservação de si mesmo, o induz a atitudes bruscas. Segundo Peres (2014, p.14), o poeta brasileiro Oswald de Andrade destoa de Sérgio Buarque ao aproximar-se da visão contratualista rousseauniana do “bom selvagem” e de estudos antropológicos que percebiam a cordialidade como característica de culturas indígenas e tem como função garantir a solidariedade no interior do clã e a defesa perante outros grupos. Portanto, a cordialidade reforçaria os laços da família, do clã e da comunidade e se exprimiria não como irracionalidade mas uma racionalidade própria, contextualizada e evolutiva. Oswald de Andrade recorreu à teoria freudiana que explicita a possibilidade de consequências negativas que o patriarcalismo capitalista e a moral cristã castradora podem provocar nos sujeitos, desta forma ele se insurgiu contra o Superego europeu.

Sérgio Buarque imagina que é justamente o modelo social baseado na família patriarcal que castra as possibilidades de individualização e independência dos sujeitos para atuarem na “vida prática”. Estas condições se apresentam na práxis do que é ser brasileiro, bloqueia a civilização moderna e tendemos ao pessimismo de que as leis nunca serão plenamente obedecidas, a democracia tampouco será institucionalizada, os partidos políticos como clãs familiares, a cultura permeada de festividade, mas carente de planejamento e organização, etc. O *ethos* cordial afrouxa os ritos sociais e nos humaniza, nos faz mais próximos e calorosos, mas igualmente nos prende pelo “jeitinho brasileiro” e a corrupção.

**CONCLUSÃO**

Percebe-se que a concepção formulada por Sérgio Buarque de Holanda não é a mesma que atualmente é creditada pelos próprios brasileiro e difundida como imagem para o resto do mundo. As virtudes como hospitalidade e generosidade, tão elogiadas pelos estrangeiros, podem esconder a outra extremidade do espectro do coração e das atitudes derivadas. O homem cordial é este sujeito que responde aos estímulos sociais de forma intensa, podendo ser tão amigo como inimigo. É pouco afeito aos rituais, as convenções sociais e deixa escapar muito de si para fazer valer seus interesses pessoais. Os vínculos biológicos, sentimentais e afetivos são considerados prioritários frente as ideias e políticas do bem comum. Uma estrutura psicológica e ardil que sobrevive nas entranhas culturais do brasileiro, uma posição subjetivista e defensiva que dificulta o pensar sobre o não pensado, a formulação de novos caminhos e a emergência de um novo *ethos*.

**REFERÊNCIAS**

BEZERRA, Elvia. *Ribeiro Couto e o homem cordial.* Disponível em: www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf Acesso em 09 de novembro de 2017.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

PERES, Paulo. *A cordialidade brasileira: um mito em contradição.* Em debate, Belo Horizonte, v.6, n.4, p.18-34, ago. 2014.

SOUZA, Ricardo Luiz. *As raízes e o futuro do “homem cordial” segundo Sérgio Buarque de Holanda.* Caderno CRH, Salvador, v.20, n. 50, p. 343-353, Maio/Agosto 2007.

VAINFAS, Ronaldo. *Gilberto & Sérgio.* Folha de S. Paulo. 22 de junho de 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2306200210.htm> Acesso em 15 de novembro de 2017.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

1. Alétheia: *a-*, negação e *lethe-*, “esquecimento”. Segundo o filósofo Heidegger, a *alétheia* é a verdade que se mostra aos poucos como um processo de desvelamento, distintamente de *veritas* que é a verdade como descrição objetiva das coisas como elas são. *Alethéia* é a verdade que se extrai do método dialético de produção de conhecimento, *veritas* é a verdade que se extrai do método analítico de produção de conhecimento. [↑](#footnote-ref-1)
2. Ethos possui duas raízes etimológicas, ἔθος que significa “hábito, uso, costume” e ἦθος que significa “caráter, disposição, hábito, costume”, mas o significado atual se refere ao modo de ser, o modo de comportamento que conformam o caráter ou a **identidade de uma coletividade**. [↑](#footnote-ref-2)
3. Polidez, neste contexto, pode ser compreendida como um comportamento que se adequa ao trato social, ou melhor, de um formalismo onde predominam os tratos objetivos quanto a seus efeitos. “armado desta máscara (a cordialidade) o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social” (1995, p.107) [↑](#footnote-ref-3)